

050621/2005



L0000050630

RAIMUNDO LOPES e DOMINGOS BARBOZA

ORMA
869.05
1986/10

DISCURSOS

NA

ACADEMIA MARANHENSE



Maranhão

TIP. DA "PACOTILHA"

1917

Sessão de recepção do aca-
demico Raimundo Lopes, reali-
zada ás 20 horas de 12 de maio
de 1917, no salão nobre do Con-
gresso do Estado. Discurso do
recipiendario Raimundo Lopes e
resposta de Domingos Barboza.

© sr. Raimundo Lopes:—
Agradecer-vos é o que primeiro se faz mister, senhores da Academia Maranhense, e especialmente a vós, senhor doutor Godofredo Vianna, a graça que me outorgastes, chamando-me ao gremio deste cenaculo de letras.

Cumprido esse dever, direi do alto e atormentado poeta das "Estatuetas" e dos "Papeis Velhos".

Evidencia-se, na literatura brasileira, que os mais fecundos e originaes são, em regra, os escriptores nascidos no interior do paiz. Por mais que se queira restringir o influxo do ambiente, não ha negar: esses filhos das terras virgens, transportados para o torvelinho da vida urbana, são beneficiarios dessa duplicidade de impressões e de idéas, donde resultam uma psychose vária e capacidades eminentemente criadoras.

Dentre esses homens de letras, uns formam a cohorte magnífica dos regionalistas ou nacionalistas—Euclides, Arinos, Coelho Netto e tantos mais. Outros, em geral, apenas reflectem, implicitamente, nas suas criações, as qualidades da raça e a suggestão poderosa do céu natal. Está entre estes Maranhão Sobrinho.

Era tambem um filho lídimo do sertão, pois, oriundo de ve-

tusta família, veio á luz em Barra do Corda.

A circumstancia do lugar é suggestiva. Em Barra do Corda, atraindo o escol da mocidade sertaneja, manteve Isaac Martins o seu collegio e o seu jornal abolicionista e republicano "O Norte", o pioneiro obscuro da imprensa no alto Maranhão. Esses elementos modestos, mas efficientes, de cultura, influíram, é provavel, na formação do nosso poeta.

Este, tambem, ter-se-ia abeberado á poesia espontanea das bucolicas e rapsodias rudes dos vaqueiros, dos descantes selvagens das violas. A um Vespasiano Ramos, essa inspiração bastaria. A elle, não.

Agitava-o talvez a ansia de novas impressões, mercê das quais o seu espirito viveria uma vida mais alta, num mundo, estranho e inédito, de mysterio...

Talvez, na saphira absoluta dos céus de secca, ou nesses poentes trágicos do sertão, tantas vezes evocados nos seus versos, de soes sangrentos immolados nos altos, em holocáusto á Grande Deusa, elle sentisse, á agonia da luz, dentro da clausura dos montes nataes, os primeiros estos da *sitis insatiata*.

Iria, entanto, seguindo a velha corrente romantica—o feitio condoreiro—nas suas producções incipientes.

Era inevitavel.

O sertão, escriptorio das tradições, guardou o culto dos poetas, tão nacionaes, do Romantismo, lendo-os e relendo-os, indifferente ás innovações literarias. Elles

têm lá—o Gonçalves Dias, o Castro Alves, o Casimiro—o seu lugar de honra, nos serões sertanejos, ao lado da "Historia do Imperador Carlos Magno" e das "Mil e uma Noites", como da "Lyra Sertaneja"—relidos todos nos mesmos volumes veneraveis, reliquias, quase palimpsestos, gastos pelo folhear das gerações e amarelcidos como velinos antigos.

Não é possível precizar os motivos que o fizeram deixar a cidade natal. O certo é que veio para aqui, em fins do seculo passado e ainda muito novo. Começou a estudar na Escola Normal, mas em breve havia de abandonar esse roteiro, para se entregar de corpo e alma á Arte.

Procurando-lhe o nome entre os que, nesse tempo, tentavam alevantar de novo os foros intellectuaes maranhenses, encontramos-lo envolvido na fundação da "Officina dos Novos", a qual se deu em 1900, isto é, consequentemente ao enthusiasmo provocado, no ano anterior, pela passagem de Coelho Netto—incentivo, por um influxo natural, de agitação fecunda, de cujos efeitos ainda hoje beneficiamos.

Por entre os varios agrupamentos que então se esboçavam, no alviçareiro resurgir das nossas letras, a Officina—essa "tenda fulva do sonho", onde se malhava "o metal sonoro de uma conquista", era o da gente moça, entusiasta ao excesso e militando nas mais avançadas correntes literarias. Nella, ao lado da mocidade revolucionaria de Fran Pa-xeco, escapa aos esbirros da rea-

leza da sua terra, primava o espirito culto e aristocratico de Alves de Faria. Com este, companheiro de Raul Pompeia e filiado á brilhante geração paranaense de Emilio de Menezes, Nestor Victor, Daltro Santos, Emiliano Pernetta, introduzia-se aqui, grangeando adeptos nessa pleiade nova, a escola dos "decadentes" de França, em que o talento barbaro de Cruz e Sousa excellia, e que se extremara na prosa espuria da Rosa ✕ e nas rebeldias iconoclastas da gente moça da "Meridional".

Maranhão encontrava, até certo ponto, nessa corrente, o molde natural da sua arte.

Ainda ha pouco, no Rio, ao fio despretençioso de uma conversa, um escriptor—Nestor Victor—que, pela convivencia pessoal e literaria, acompanhou os lances capitaes da vida de Cruz e Sousa, dizia-nos do seu justo intento, no favonear e applaudir o advento do poeta-negro ao Symbolismo.

Aquelle temperamento de africano, em que predominava a primitividade emocional e profundamente affectiva da raça, esterilizar-se-ia, banal e improductivo, na rectitude helenica das formas classicas.

Iamos dizer: do Parnasianismo.

Mas houve verdadeiro Parnasianismo no Brasil? Alberto de Oliveira, citado como um dos nossos parnasianos, ao receber Goulart de Andrade na Academia Brasileira, affirmamos que houve apenas uma corrente em

A própria vibração, porém, da vida contemporânea, exigia uma fórmula de arte muito mais livre, em que a impressão individual naturalmente triumphasse.

Um escriptor, caracterizando Heinrich Heine, define essa "hyperesthesia aguda que o torna apto a analysar até ao detalhe da sua complexidade os estados da alma aparentemente os mais simples: uma emotividade tal que todos os sentimentos de alegria e de tristeza, de amor ou de ódio, se amplificam desmesuradamente e imprimem a todo o seu ser vibrações dolorosas; uma ironia cruel que o condemna a soffrer quando soffre e a soffrer no meio da felicidade". Assim, falando de Heine, define a situação do espirito contemporâneo.

Dessas tendencias geraes do seculo, substituindo a magestosa simplicidade dos pregonos da Arte moderna, nasceram correntes estheticas muita vez dispare: o "Impressionismo" alemão, a *écriture artistique* nervosa e pittoresca dos Goncourts, o exotismo de Pierre Loti, o realismo impressionista de Daudet; por outro lado, elles facilitaram o advento de novas formas poeticas, da lyrica dolorosa de Stecchetti e Leopardi, como do sensualismo e da ironia verlainianos e da subtileza emotiva de Mallarmé.

O ídolo da Perfeição, esses epígonos o lançavam por terra. Verlaine ia á propria forma, quebrava os canones da poetica, dividia palavras entre versos e

transfigurava a poesia em musica:

Et la musique avant toute chose...

Rimbaud, no soneto celebre das "Vogues", ia adiante; na suggestão simultanea do som, do cheiro e da côr libertava-se da velha esthetica dos sentidos.

No domínio das idéas, renascia o mysticismo; a paixão renascia, não mais com a simplicidade commovida dos românticos, mas requintada (e quase intellectualizada). Exemplificaríamos com qualquer das "Elegias" de Verlaine, ou então com este soneto de Mallarmé:

J'ai longtemps rêvé d'être, ô Duchesse
 [l'Hébé
 Que rit sur votre tasse au baiser de tes
 [levres
 Mais je suis un poete, un peu moins qu'un
 [bbé,
 Et n'ai point jusqu'ici figuré sur le Sevres.

Puisque je ne suis pas ton bichon em-
 [barbé,
 Ni tes bombons, ni ton carmin, ni les
 [jeux mievres
 Et que sur moi pourtant ton regard est
 [tombé,
 Blonde dont les coffres divins sont des
 [orfevres,

Nommez-nous... vous de qui les souris
 [framboisés
 Sont un troupeau poudreux d'agneaux
 [pprivoisés,
 Qui vent broutant les cœurs et bêlant aux
 [télires,
 Nommez-nous... et Boucher sur un rose
 [éventail
 Me peindra fiûte aux mains, endormant
 [ce bercail,
 Duchesse, nommez-moi berger de vos
 [sourires.

O proprio mysticismo ethnico resurgia, ao mesmo passo que o

gosto pelo medieval, num refluxo das nacionalidades para a sua phase de gestação; era a epopéa das raças vencidas, feita pelos poetas doentes da Decadencia; era Antão Nobre refazendo "Os Lusíadas" ao avê-so, compondo, em "O Desejado", o poema incompleto do Sebastianismo...

Deprehende-se que o chamado Symbolismo não foi uma corrente definida, e sim uma parte, em si mesma complexa, de uma grande série de movimentos literários.

É de ver, pois, que Maranhão Sobrinho, embora por elle influenciado, não se submeteria a um feitiço de escola, já de si repugnante a todos os representativos dessa grande familia espirital; demais o seu talento forte e original não se dobrou a fórmulas, era um impressionista quase eclectico.

Na forma, nunca praticou as extremas liberdades do lendario Lélian. A correcção dos seus alexandrinos cheios e dos bellissimos decasyllabos rastreava a metrificacção rigorosa dos nossos chamados parnasianos. A cadencia do seu verso lembra realmente a de Mallarmé, "o divino Estephanic" como dizia, e que considerava ingenuamente o seu Mestre; outra affinidade, entre os dois poetas, seria a do sentimento bizarro e delicado, num envolvido no *brouillard* do septentrião, no outro, redoirado do sol dos intertrópicos.

Quanto a correlações mais profundas, de ideas, é o caso de, como Antonio Lobo em "Os Novos

Athenienses", duvidarmos; sobretudo ante a preocupação que fazia dizer, ao poeta do "Guignon", que "na poesia deve sempre haver um enigma".

Todos esses assertos nos restituem o poeta maranhense na plena originalidade do seu *genius*, esplendidamente estadeado na obra opulenta, esparsa nos periodicos e nos tres volumes dos "Papeis Velhos" (1908), das "Estatuetas" (1909) e das "Victórias-Regias" (1911)—sem falar no que, na sua vida aventureira, esse perdulario da Arte espalhou pelas mesas dos cafés e das redacções.

Uma imaginação prodigiosa, de colorista magico, era a qualidade mais sensível do seu talento. Levava-o ella a procurar, á maneira dos parnasianos, reviver os paizes exóticos e as velhas civilizações. Era a revelação, no poeta, do estudioso, que o era, a seu modo, intenso e desordenado, de andar mettido em Maspero e outros orientalistas, á procura das emoções imprevisitas da vida antiga, egypcia ou babilonia.

Acompanhemo-lo numa das suas evocações; é todo o antigo Egypto, num soneto magistral; o poeta excluiu o Verbo, nesse pintar a paisagem hieratica por excelencia, na sua immobilidade secular e fantastica; e esse simples connotar de aspectos apparentemente dispares, vale por uma *synthese* historica:

Fellás. As margens fecundando, o Nilo
De Ipsambul a Meraphis! Soes, mais soes!

Mumias reaes; num fuste ou peristyllo
Hieroglyphicas bençams aos Heroes...

Escribas glabros, no papyro, a estylo
A copiar canções de rouxinocs!
Entre os juncos, pensando, o crocodilo;
Ibis com um pé suspenso... Os Pharaões...

Esphinges e Colossos, sobre os joelhos
As mãos, firmes nos marmozs; o poente
Em altas pyras de clarões vermelh: s...

Templos em ruinas como um pandemo-
nio,
E o corpo de Cleópatra, no ardente
Amplexo real de Marco Antonio...

Esse orientalista, por excel-
lencia, da poesia brasileira, le-
va-nos ainda a Babylonia, entre
os montículos ravinados, que fo-
ram templos, e as estatuas dos
toiros alados, que espiam Istar,
“varando o azul com os seus olhos
de pedra”. O mundo marítimo
phenicio-hellenico exsurge na
“Galera Antiga”.

Evoca a Russia glacial, do ni-
hilismo e da Casa dos Mortos,

e, entre os frios crepúsculos doirados,
as rosas dos jardins de Peterhof’.

A Espanha, a Italia... e que
mais? Uma visão poetica das
terras e dos povos, um pequeno
Heredia, no ensorefado disci-
pulo dos decadentes.

Foi justamente essa uma das
feições que nos interessaram, no
seu poetar, já á primeira leitura
das “Estatuetas”. E’ que a mes-
ma sympathia humana e a mesma
curiosidade que moviam o poeta
consummado, levavam o estudioso
bisonho, ainda nos bancos esco-
lares, á pesquisa não só da Scien-
cia da Terra, como da Historia. E

vem a proposito lembrar os conceitos de Euclides da Cunha, ao prefaciar Vicente de Carvalho: que não era descabida a prosa do engenheiro antes dos versos do poeta, pois que ás mesmas aspirações ou as mesmas tendencias movem a todos os que se agitam na esplanada multívvia do Pensamento.

Essa linha de interferencia e de sympathia de idéas que nos serviria de ponto de partida ao conhecimento do poeta, continúa, e mais nítida, se nelle encaramos o nacionalista, o bucolista, e o grande evocador pantheista.

O Naturismo era uma feição do seu *pathos*; algumas vezes, paisagens do sertão, quadros graciosos de vida simples, *idyllios*; e a elegia do entêrro de criança em que, numa alva de maio,

Violetas
trementes se abrem nas estradas
nuvens azues de borboletas
incendiadas,
em espiraes, sobem no ar
de trevo e lírio, embalsamado
como um veludo de luar
immaculado...

Lindos versos lhe inspira o sentimento da terra-mater. Ora é a saudade do soldado, na guerra, longe do sertão natal:

.....Do outro lado do rio
Via a casa da noiva; o quiatal, a moenda
A ranger, mastigando a cana. Aves aos
chilros
Vin hama ver, do beiral da casa, fazer renda
da
A moça, de tardinha. O *tré-tré* dos bil-
ros
Do outro lado se ouvis, e se ouvia a sua
voz
Subir pela amplidão, dolente e apaixonada ;

Ora é uma tela do norte, á luz intensa do verão. Num estirão enorme, o boiadao, massa pardacenta de corpos, como um rio revólto, se estende.

.....Ondulando, a poeira em fulvas espiraes.....

cobre de um velamen pesado e intangível á vasta esplanada

em cujo poente o Sol põe uns tons de fogueira...

Bava de sêle e muge a leva; triturada
Pelas patas dos bois, a relva toda chei-
ra !

O guia, que palmilha á frente, lança a toada vespéral do *aboiado*. No entanto, a contrastar com a tristeza da cantiga e da hora, em torno da mole enorme, os vaqueiros, em desgarrres,

.....tocando as rezes fugitivas

trazem

.....o sol nas pontas dos ferrões...

"E do gado ao tropel, com as asas derreadas

"Quase riscando o chão, que o sol calcina, esquivas,

"Arrancam colleando as emas assustadas...

Outras vezes, a propria natureza se transfigura aos seus olhos. E' um mystico, nesse sentir a tristeza e a pompa das coisas. Teem tal characteras suas marinhas e os seus extraordinarios crepúsculos. Porque elle era sobretudo o poeta do céu e do mar. As mais raras nuanças e effeitos de luz lhe eram sensiveis e re-

vestiam-se de um sentido emocional quase sempre profundo:

Ouve ! O mar, escarpando as rochas na
 ergonia
 Do sol, parece ter na voz o humano
 accento
 De dor ! Reza, talvez. Vai recolher-se. O
 dia
 Se ajoelha e a tarde em sonho abraça o
 firmamento !

Como nós, pode ser que a tristeza e a
 alegria
 O mar sintz, tambem: precisa em movi-
 mento
 Trazer um coração... Quem sabe o que
 irradia
 No seu íntimo, em doce e azul recolhi-
 mento !

Escuta ! Uma onda vem beijar-te os pés.
 Não ha de
 Calma os seios rasgar sobre os basaltos.
 Quérulas
 As ondas todas são. Ouve-lhe a voz.
 Piedade !

O mar leva-me a crêr que tem paixões
 mortaes
 Em que rolam, brilhando, as lágrimas das
 pérolas
 E palpita, fervendo, o sangue dos coraes...

Não precisamos de outras citações para saber com que perfeição praticava elle o genero; quem hesitaria em citar esse soneto entre os melhores da lingua?

Era, dissemos, o Pantheismo uma das feições capitaes do impressionismo transcendente—palavra magica do seu temperamento artistico.

Esse, encontramos-lo egualmente através dos poemas lyricos.

A's vezes, perturbava-o a visão da bacchante,

Estranha flor de aroma estranho, lirio de carne e sonho, de volúpia e gêlo...

Mais pode cantar nas tristezas do outo-
no ?
Pode a neve sonbar ás carceas do sol ?
.....
.....

O poeta incidia num exaggero. Não era tamanho o contraste. O *subtractum* fundamental dos sentimentos, não o attingira a sua vida aventureira. Esta mesma, aliás, não era o sacrificio ignominioso, que fazia, de toda outra felicidade, ao fim supremo do seu existir, a Arte ?

A' Arte, sim, para o culto da qual tendia todo o seu mysticismo amoroso. E' a ella que elle celebra, no tipo ideal da mulher, e, outras vezes, acima de todas as personificações; é a "eleita do luar", a "musa impolluta".

Por pouco que se attente á vida do poeta e se recolha o testemunho dos seus amigos, ressaltará uma evidencia: a de que, nesse bonzo fanatico da religião esthetica, t do o ser, toda a acção e todo o pensamento têm um fim unico, obsidente.

E' do espirito das lendas antigas que cada heroe tenha a sua missão, um grande fim a realizar, e em torno do qual homens e genios se empenham para o ajudar ou empecer.

Ha um principezinho que, numa das nossas lendas, vai á fonte da agua de saúde, onde descansa um dragão que a guardava, e que era uma princeza lindissima, com quem elle se havia de casar; e se o consegue, é que não faz como os irmãos, não se deixa ficar no caminho, no prazer das cidades alegres. Re-

siste a todas as tentações e attinge o desejado fim. Assim o nosso poeta a tudo desdenhava, para chegar ás fontes encantadas da pura Arte.

Não é outra a razão superior da sua bohemia. Nenhum esforço sério de vida pratica. Antonio Lobo, tracando-lhe o perfil, focaliza-lhe o diário perambular, sobraçando, flegmatico, o seu chapéu de palha e passeando por tudo os olhos, que eram brilhantes e extaticos, na despreocupação absoluta do dia de amanhã; e a aparente sizudez com que traçava os mais illusorios planos, destinados a nunca emergir dos limbos da imaginação.

Não ha, pois, refazer esse quadro. Ha, porem, lugar de lhe aprofundar a perspectiva, reconhecendo, nesse despreocupado modo de viver, um desvio de todas as faculdades, a sua esterilização em exclusivo beneficio das que servem á criação artistica: a sensação e a emoção generalizadas, pois não era outro, para elle, o dominio da Arte.

Para tudo o mais, se credito damos á anecdotica e ao que transparece da obra, seria um estiolado, com traços, aparentemente discordes, de bohemio, de pródigo e de asceta.

A technica, o sentimento e a idealização, requintavam, nesse especializar-se propositado, e d'ahi o valor do seu verso, que não sôa cavo, mas retine como moeda de quilate raro e de boa forja.

Attingia n'esse uma extraordinária forma de *esthos*. Não era mais, com efeito, a simples abstrac-

ção, nem a imaginação concretizadora, nem a emoção pura e sem símbolo. Era uma estranha faculdade de criar, por assim dizer, immaterialmente, um cosmos de sensações transcendentas, mas nem por isso menos intensas, de puras representações; um mundo de imagens fortes e vividas, como as dos sonhos; um mundo onde erram "as galeras das almas, sobre vagas de esmeralda" e onde haveria a suavidade de um repouso de Deuses, pois promette:

Branças escravas te unirão os músculos
No meu reino, de aromas sensuaes,
Misturados no óleo dos crepusculos...

Era um platonismo, essa poesia de ideias—imagens. Mas um platonismo ás avessas, em que a *anamnesis*, a reminiscencia, fosse substituída pela imaginação, também criadora de ideal.

Do contraste entre o bom e o mal da vida e entre esse mundo da Arte e o mundo real, nasceria o seu scepticismo; acompanhamo-lo, assim, aos "infernos do seu desconforto", ouvindo-o formular a "eterna queixa":

Que desfructamos nós da Terra sobre a
(face,
Se cada sonho bom, que nas nuvens nos
(morre,
E' um supremo pesar que nos olhos nos
(nasce ?

E nada ha que compense essa noite do
(mundo ?
A vida é uma caudal que para um antro
(escorre,
E a esse antro cruel ninguem lhe sonda o
(fundo !

E' a "ultima Thule" das suas
"torturas espirituaes".

Para levar até o fim a odysséa

do posto, acompanhemo-lo á Amazonia.

Ella attrahia, então, os ambiciosos de todas as ambições. Maranhão Sobrinho para lá se dirigiu duas vezes.

Entregava-se, lá, á vida de imprensa. Foi assim um dos ultimos advindos da pleiade de maranhenses de talento que nas letras, na politica, nas carreiras liberaes ou no commercio, foram um elemento característico—e de escol—na historia da civilização da Amazonia.

Por outro lado, não se pode negar, no artista, a influencia da terra portentosa e tanto, que a "perquirem anciosos todos os eleitos". Tambem elle, como todos e o proprio historiador da "Terra sem Historia", a teria contemplado "com um espanto quase religioso".

Deveu muito á grandeza indefinível e mystica das paisagens da *hilæa* essa imaginação potente e magica. Quando publicou as "Estatuetas", já tinha visto o Amazonas e pintado o painel magistral dos seus lagos traiçoeiros.

Nessa mesma terra maravilhosa, entre as grandes aguas das "Victorias--Regias", elle fecharia os olhos, em dias do anno passado.

Concluamos.

Toda essa vida é de um poeta humilde, que a viveu nestes recantos do Norte e não teve a consagração vaidosa dos grandes centros. Talvez o desdem indigena pelas nossas coisas e pelos homens da terra lhe diminuísse a figura.

Valerão, pois, os conceitos

aqui lançados, por uma apologia.
É certo estou de que não lhe será
sonogada, porque não foi um ven-
cido: sacrificando tudo—como
todcs os seres de eleição,—a um
soberano bem, ella o obteve, dos
seus versos, criando, artífice do
Metro, o Palacio esplendente...



O sr. Domingos Barboza:

—Nenhuma gratidão deveis á Academia Maranhense por nella vos termos dado hoje ingresso.

Ella é que se não regateia prolaças pelo gesto com que vos fez dos nossos, não por benevolencia a que sejais obrigado, senão por justiça que se vos devia.

Antes de para aqui virdes, velastes devotamente as armas na mesma austera nave onde praticamos o credo que aqui nos congrega, e onde tanta vez, com tamanha e tão robusta fé, genuflexaram aquelles dos nossos maiores que nos deram á terrapatria, nos seus dias idos, fama que se não apaga, renome que se não marea, glória que se não consome.

E', pois, com justificado jubilo que vos vemos receberdes nesta hora a pranchada que vos arma cavalleiro na hoste em que todos pelejamos, e envergardes brial e elmo de cruzado para a reconquista de uma Jerusalem talvez ainda distante, mas por todos nós muito amada, qual a do reerguimento mental desta terra, que é nossa, e que foi a mais literária do Brasil no seu passado.

Talha esta solemnidade a oportunidade de que, não a vós que nos sabeis dos intentos e que, exactamente por os conhecerdes, para aqui accedestes em vir, mas

a outros, que se não tenham por ventura delles apercebido, que eu diga aqui não estamos nós por mal entendido orgulho, mas tão só para estímulo nosso próprio. Porque bem diversamente do que talvez a outros pareça, nunca nos propuzemos a dar a esta Academia uma funcção meramente ornamental, a vistosa inutilidade decorativa duma venera...

No próprio culto que rendemos aos nomes dos que nos engrandeceram e nobilitaram os dias idos, não visamos somente a homenagem que o dever reclama de cada um de nós, e a todos nos ordena. Evocamo-los tanto para maior glória sua, como para exemplo aos de hoje, de modo que possamos bem preparar os dias do amanhã.

Assim, a acceitação de um posto entre nós é, mais que tudo, um compromisso tácito que aquelle que o vem occupar assume, de trabalhar, de então por diante, com vontade ainda mais firme do que aquella que o animava antes do seu destacamento.

Não deixa, no entanto, de ser um premio o lugar que a unanimidade da nossa justiça nesta companhia vos confiou. E prêmio é, porque, com elle, vos dizemos o nosso applauso ao que já tendes feito, tanto quanto a nossa esperança em todo o muito que sabemos podeis, e cremos quereis aqui fazer.

Antes, porém, de vos dizer como ainda mais tal confiança em nosso animo se firma, haveis de permittir que eu assignale uma coincidência em que não posso

enxergar renão um augurio feliz. E' esta solemnidade a segunda que a Academia celebra, e pouco vai da realização da que a anteceder.

Naquelle, festejamos a aquisição de um geographo emerito e educador extímio: o sr. dr. Justo Jansen, hontem, e para nossa valdade, mestre de quasi todos nós; hoje, e para nosso orgulho, simultaneamente mestre e companheiro nosso.

Nesta, o motivo do festejo é a vossa entrada, que é a de um moço que rumia o espirito pela rota dos mesmos estudos que elle, e que já vinha, desde quando ainda se assentava no banco do discípulo, occupando galhardamente a cathedra do professor.

Essa circumstancia é a de vir-des, pesar dos vossos poucos annos, entregue dovotadamente ao estudo e ao ensino de sciencia que a tantos tão pouco de inspirar se afigura, é ainda mais para notar e louvar, quando viveis em terra e estais em idade em que o pendor para o ler e o escrever communmente se manifesta no ritmo seductor da metrica e na sonoridade attrahente das rimas, vassadoiros, que são as mais das vezes, de forçadas contorsões hísticas, ou — o que é cem vezes peor — de estafada e dissolvente languidez romantica.

Facto ainda mais raro é esse que em vós se averigua, quando somos de uma raça que — a observação é de um grande espirito — põe sempre a sonoridade de um adjectivo acima da exactidão de um principio.

Defeito ou virtude, es e feítio nesse ?

Não sei, nem o posso eu julgar, pois sou o proprio e o primeira a confessar que o tenho, e a proclamar que me não penitencio da doce culpa, que aliás a mim se me prefigura virtude, maxime quando posta em confronto com as dos que se assemelham áquelle douto e dissecante naturalista Shlock, autor do vasto e feio peccado de oito fartos volumes sobre a expressão physiologica do lagarto...

Talvez que a virtude esteja no meio,—como no brocardo.

Se assim é, a seriedade de um estudo methodico, restringindo e corrigindo esse pendor em nós innato, eis um trabalho de caldeamento que não poderá dar resultados que não sejam bons.

E', de certo, esse *processus* que nitidamente já delineia em vós um geographo e um humanista *doublé* do artista consciente que sois. E' que, ao mesmo passo que educais com paciente tenacidade o vosso espirito no contacto dos mestres mais severos da especialidade scientifica que escolhestes, procurais aprimorar a vossa espontanea sensibilidade esthetica, alindando o dizer na commovida leitura dos mais adestrados cinzeladores da Fôrma.

E não foi senão em obediencia ás injuncções dessa natural inclinação, que, em vez de dardes á cadeira de que neste momento tomais posse, o nome, como seria do suppor, de um educador ou de um geographo, preferistes gravar no vosso escudo, como divisa, o

nome de um poeta que deu o maior e o melhor da sua curta e malfadada existencia ao culto e ao manejo da Arte de que foi apostolo fervoroso e nobre paladino.

A nós outros, que aqui já estavamos, — deixai que vo-lo diga — muito nos commove essa homenagem vossa, tão de justiça e tão de piedade.

Nenhuma outra poderia falar tão alto no preito, na quasi reivindicacão que todos devemos ao nome de Maranhão Sobrinho, o fulgido bardo que tão rijamente comnosco trabalhou no levantamento dos alicerces desta casa.

Derrama essa homenagem, é certo, uma como cinerea nevoa de saudade por sobre os tons alacres desta hora, com o aviventar da lembrança de que para todo o sempre se partiram d'entre nós elle e dois mais, Antonio Lobo e Costa Gomes, dos que — ha tão pouco ainda! — mettemos hombros confiados a esta obra.

Como que a compensar, porém, incide, ao mesmo tempo, um raio consolador de bondade, a espalhar benéfica luz reparadora, melhor aclarando a memoria de tão alto poeta e artista tão fidalgo, em quem o grosso das turbas queria quasi que apenas ver o bohemio descuidoso que por ella passava, indifferente e incomprehendido, a tanger a sua lyra d'ouro, sem attentar nos ranideos que coaxavam na vaza, nem nos ninhos que meigamente se calavam para o ouvir...

A'quelles talvez pareça algo estranho que, num lugar de es-

tuão, de trabalho e de recolhimento, como deve ser este nosso, se inscreva o nome de um vate noctambulo, de um revoltado contra um sem-numero de para elle prementes convenções sociaes, no alto de um muro que elle aliás ajudou efficazmente a erguer.

Estes, porém, os que integralmente o comprehenderam e deleitosamente o escutaram, olhãõ sempre para ali com a vaga unccção, quasi religiosa, com que se fita uma alta e serena torre, já erma da lêta voz do carrilhão que a animava e das asas que ali buscavãõ poiso e abrigo, mas sempre erecta, banhada de sol e de luars, erguida santamente para a pureza sideral do azul, triumphal, victoriosamente "Vencedora da idade e das procellas".

E' assim, sr. academico, que penetrais neste recinto: com uma palavra de justiça nos labios, e trazendo na dextra um florido ramo de piedosa homenagem.

E' assim que chegais a esta casa: batendo-lhe ás portas com uma nobre açção, e descerrando-lhas com um livro formoso. Porque, sr. academico, a verdade é que nenhuma lisonja se vos faz assim qualificando o livro que vos deu ingresso nesta casa.

E se digo que só elle, e não tambem todo o vosso valioso trabalho esparso pela imprensa aqui vos deu entrada, é que não me permite que doutra fóma o diga regra das que regulam as condições de funcionamento desta companhia literaria.

Não que, estabelecendo-as,

quizessemos affirmar que é só no livro e só pelo livro que se avalia o merito dum escriptor.

Tal exigencia nasceu, vós bem o sabeis, tão só da necessidade de termos ante os olhos um trabalho em bloco, que, numa rapida vista de conjuncto, para logo dê noticia bastante dos requisitos de quem nos bata ás portas.

E vós, dentro das exigencias da nossa regra, aqui chegais portador de credencia a melhor.

Queria de vós o nosso estatuto um livro, um bom livro. E o que nos trazeis é mais que um livro bom: é um livro victorioso. Ainda bem!

Fazer-lhe a analy:e minuciosa, do seu todo integro e homogeneo, e partes todas que o compõem como gemas dum mesmo diadema rico, é deleite que o desejo pode, mas é coisa que não permite a escassez do tempo concedido pela praxe ás tarefas como esta.

Ha, alem dessa exigencia, a circumstancia de que pouco faz que retirastes o vosso livro dos prelos. Ainda se lhe não evolou de todo o acre cheiro embriagador das tintas que o imprimiram. Nem ainda se escoou por inteiro a opportuidade de sobre elle dizerem criticos que delle ainda não disseram.

Quanto a mim, pouco tambem faz que, da imprensa, vos mandei por elle o meu louvor.

Disse vos eu então—e agora aqui vos repito—que delle deveria principiar por dizer que de um fôlego o li, se não fôra o receio que me inspira esse chavão, do sobra repetido, mas as mais das

vezes pouco verdadeiro. É tanto mais desse chatíssimo lugar comum me arreceio, quanto o que no vosso livro mais me attrae e seduz é exactamente a maneira encantadoramente nova por que trataes o velho assumpto que lhe é offatura.

E' que, sr. academico, bem comprehendendo que *sciencia* não presuppõe a negação de *arte*, e que jamais o *bom senso* excluiu o *bom gosto*, tomastes entre as vossas habeis mãos materia tida como das mais aridas, e modelastes trabalho em que se conjugam ensinamentos sólidos e deleites suaves.

“Dantes —ensina Coelho Netto —os que se dirigiam para a sciencia desdenhavam os estudos litterarios, tendo-os por inuteis; até entendiam que não ficava bem a um medico, a um engenheiro, a um jurista entreter relações intellectuaes compoetas e novellistas, que só vivem arrucbados em ficções.

Hoje, porém, se não todos, a maioria dos que escrevem faz garbo em aprimorar-se, e os mais substanciosos livros de sciencia os compendios technicos, são actualmente escriptos em linguagem estreme, em fórma não raro artistica, tornando-os agradaveis ao leitor”.

Estaes, para honra vossa, entre esses a quem applaude o mestre bizarro.

E' claro que se não repilla tenha, por exemplo, um edificio largos e sólidos alicerces, e amplitão, e fortaleza. Mas tambem não lhe fica mal que se lhe ve-

jam no jardim folhagens e rosas frescas, e que pelos rasgões das janellas, meigamente enrodilha das de trepadeiras floridas, cantem canarios em doces tardes sombrias e em gloriosas manhãs de sol...

Foi assim, ao clarão dessas luminosas verdades, que compuzestes *O torrão maranhense*.

Dehi não se infira, porém, que um dia, depois de correrdes vista distrahida e dêdo erradio pelo pesadume dum compendio e pela ponderosa frieza dum athlas, entrasseis, cheio de emoção, despertada pelos encantos virginaes da terra-pátria, a fazer-lhe diti-rambes saturados de descomedido e descompassado ardor.

Não. Um dos lados mais valiosos do vosso trabalho é, precisamente, o equilibrado senso com que scubestes conciliar um accentuado pendor para a sisudez dos estudos de sciencia com um fino gosto para os labores da arte, e um modo sereno de ver, tanto as maguas que soffremos, como as venturas que fruimos.

Tomastes como bussola um criterio rigorosamente scientifico e, orientado por elle, caminhastes com serenidade e dezassombro, registando, com o mesmo cálamo verdadeiro e as mesmas tintas sinceras, os nossos rudes males e os nossos amoveis bens.

Não vos deixastes attrahir pelo canto enganador da sereia de patriotas rúbidas e faceis, mas tambem não vos enervastes com as amargas lamentações dos pessimistas por commodidade.

Se vos não embriagou o *caumi*

do baicrismo, que faz tanta vez enxergar um genio, ou um heróe, ou um santo onde ás vezes ha apenas a mediocridade diligente ou feliz, tivesstes igualmente olhos limpos e palavras de carinhosa justiça para a rude altivez e semi-selvagem sinceridade do roceiro, sempre em luta, ora com a inclemencia e a bruteza dos elementos, ora com a braveza dos gados e feras e com a perfidia dos homens, — pelejador humilde e anonymo na tremenda e ansiada conquista do pão; pão quasi sempre escasso, mas nunca molhado no fel das humilhações.

E se tivesstes, tanto palavra consoladora, quanto cauterio para os cancroides que roem, aqui e além, a alma commum da nossa terra, não vos ficaram despercebidas, no estudo do complexo moral do nosso povo, as qualidades de argucia, de honradez e de affectibilidade que lhe vivem, mal sabidas e quasi inexploradas, na intelligencia e no character, que se lhe firmaram á solta, — arejados como os vastos campos em que nasceram, asperos como os pedregulhos ou as torreadas sobre que se criaram, firmes como os madeiros gigantes entre os quaes vivem.

O que lobrigastes, observastes; o que observastes, dissestes com verdade e facundia.

Foi, aproximadamente, o que eu vos disse quando o vosso livro veio a lume. E tão de coração o disse, que não hesito em vo-lo dizer de novo agora.

Quem, embora rapidamente, o manusear, ao vosso livro, verá que no conceito que d'elle então fiz,

e ratifico agora, deixei em absoluto de laço a camaradagem e a afeição que, para vaidade minha, e não de hoje, nos aproxima, de modo que falasse, perfeita e imperturbada, a justiça que tão amplamente mereceis e que tão restricta vos faço.

É verá mais. Nelle encontrará, como se faz mistér, a idéa — arca-bouço vestida e adornada caprichosamente pela palavra, a arte entre todas a mais difficil e a mais bella, como é conceito de um dos seus mais puros e aprimorados cultores.

É nelle ao mesmo tempo achará, nas suas particularidades mais precisas, a terra nossa, palpitando na flora que a ensombra e enfeita, na fauna que a habita e alegra, e no homem que a povôa, que impiedosamente a destroe e que laboriosamente a refaz.

Rios e mar, serras e chapadas, gentes e feras, natureza e vontade, avanço e rotina, devastação e trabalho, sonhos mendazes e esperanças fundadas, culpas e virtudes, fraquezas e energias, misérias e opulencias, em resumo: a vida nossa, do Maranhão e do Maranhense, como ella tem sido, como ella é, como ella deve ser, eis o que passa nas fartas e disciplinadas paginas do vosso livro; livro talvez feito tão só por amor do estudo e do trabalho, mas que tão efficazmente ha de servir ao ensino da nossa geographia regional, livro que, no dizer conceituoso do mais conceituado dos orgams da imprensa brasileira, "não é somente uma monographia geographica; é um ensaio de socio-

log'a que vem enriquecer a nova literatura nacionalista que surge e se amplia".

Ha, sr. acadêmico, um particular do vosso trabalho sobre o qual haveis de permittir que eu insista, por ser aquelle que mais e melhor me sabe ao paladar. E' o brilho do vosso dizer, o brilho da fórmula, que ha de ser sempre, em todos os tempos e entre todas as gentes, a qualidade maxima, a condição *sine qua* de todo o homem de letras.

Tome-se a idéa mais solidamente verdadeira e mais seguramente apropriada a vencer, e envolva-se-a em frase frouxa e pallida, que ella desfilará ante a critica trannica das multidões, mal ageitada e tropeçante, como um bisonho galecho a quem a instrucção e a disciplina não hajam podido dar garbo e desempenho. E confundir-se-á, na prova tremenda dessa revista de mostra, com o recrutado fino que anseia e suspira pelo desaffogo do "debandar", senão até pela humilhação da retirada.

Dae-lha, porém, como tunica airosa, a graça do dizer leve e escoreito, e ella será o diamante facetado, carvão humilde que foi um dia, mas agora gotta de sol fascinadora!

Ha, e vós o sabeis, e eu o sei, quem diga que, para dizer, basta dizer, e só.

Fapemos, porém, cuvidos a taes palavras, que não vem senão dos que bem não dizem porque não sabem dizer bem, e femos na sinceridade dos que amam e prégam o bem dizer.

Dia a dia, hora a hora, instante a instante, temos a adeçar nas as agruras da luta quotidiana uma sem-numero de investos uteis, que já nos são de todo indispensaveis. De quem os cozer ninguém sabe, porém, o nome ao menos!

E, no entanto, ainda hoje sonha o homem emualado na docura dos poemas e canções que tecm seculos, mas que não envelhecem nunca, e ha de a humanidade, pelos seculos ainda por vir, murmurar commovidamente os nomes dos velhos bardos que os cantaram, em cidades de que então nem mais ruinas haverá, entre gentes de que apenas vaga noticia e esfumada memoria restarão.

E' a lição eterna da Natureza, que põe sempre o que é bello junto, senão acima do que é apenas util; que, no alto, para além d'onde se formam as aguas fecundantes das churas, esmaltou o ether azul e fofooso, e que ao lado da espiga dardivosa e do romo sapido, sorri na graça subtil e porcellanada dos acules olentes.

Bem sei que é especial dom e privilegio raro ler taes lições e colher-lhes o exemplo.

Preciso é que, a esse favorecido dos fados, lhes poise n'alma aquella *abeille dorée* de que fala Alfonse Daudet.

Vós, porém, scis das que podem rejubilar com a posse do raro e estimavel dom, com o bem que vos doou a abelha dourada, trabalhando em vosso espirito, como em familiar colmeia, de modo a poderdes ter na idéa—a

cera util, na sua roupagem—o doce mel.

Ainda ahí, porém, não estacaram as vossas qualidades de escriptor.

Da posse d'outra, e por igual inestimavel, qual é a do dizer vernaculo, dessa consentireis que em meu lugar fale o severo critico e douto sabedor da lingua patria, José Oiticica, quando diz de vós: "O sr. Raimundo Lopes é um escriptor feito. Nota-se o carinho com que maneja a lingua, procurando ser o mais correcto possivel, o que consegue por vezes".

Provais, assim, com esse honroso juizo e com as formosas palavras que ha pouco vos ouvimos, que andaes felizmente distanciado, pela harmonia do dizer certo com o dizer formoso, daquelles de quem o altissimo artista que é Coelho Netto diz que "bravateiam muita sabença grammatical" mas são "incapazes, na pratica, da construcção mais ligeira".

Ha, ainda, a assignalar outra prova que faz o vosso livro: a de que se pode ser fiel discipulo, sem ser um subserviente imitador.

Quem agora fala é outro maranhense, joven e de espirito, Luiz Viana, quando assignala: "A influencia de Euclýdes da Cunha é notavel em Raimundo Lopes. Delle lembra o nosso escriptor o vigor da concepção, a robustez do estylo e a clareza da exposiçáo".

E, em verdade, é o que, discipulo fiel, mas não imitador subserviente, recordaes do trato intimo

com a obra do mestre vosso preferido.

E nem mais que isso vos caberia no espirito, que de sobra e de perto conheço, de revoltado consciente contra o triturante absolutismo do *magister dixit*, a velha e commoda fórmula que só a inercia ou preguiça mental aceita, pondo um bridão á dignidade da razão, com o negar-lhe o nobre exercicio do raciocinio, que lhe demonstra a existencia.

E' assim, sr. academico, na posse de tão fidalgas qualidades, que hoje entraes para esta casa.

Outro, que não eu, deveria estar ao seu limiar para receber-vos, principalmente havendo, como ha nella, mestres na especialidade que escolhestes, como sejam o seu illustre e venerando presidente e o douto companheiro nosso a quem succedeis na cathedra de professor no Lyceu Maranhense, e que vos precedeu na entrada aqui.

Quizestes, porém, fosse eu,— que rumo, aliás, o espirito para bandas diversas,—quem vos viesse buscar á entrada. E assim resolveram, confermemente os vossos desejos, os nossos companheiros.

Acceitei envaidecido a incumbencia, levando á conta da amizade a vossa indicação e a credito da bondade delles a sancção da escolha.

Poder-me-ia, é certo, contrafazer a idéa de que a alguém, lá fóra, parecesse a minha escolha a menos propria para vos dizer

da obra, attenta a affeição que vos devo e que, por orgulho, relembro.

Quando mesmo, porém, assim fosse, eu iria pedir a dirimente dessa suspeição a Carlyle, que reclamava no critico o estado de sympathia para bem julgar. E em tal escudo não haveria esta que se não quebrasse.

E', pois, sr. academico, com a maior amplitude de jubilo que eu aqui vos dou agora, em nome da Academia Maranhense, as tradicionaes e amigas boas-vindas.



